

# “DA PERIFERIA UM POVO SE LEVANTA”

Pe. José Artulino Besen  
Prof. de História da Igreja

Nos últimos anos a Igreja no Brasil conheceu importantes iniciativas de interpretação da História à luz da Revelação e como Revelação. Um aprofundamento de toda uma tradição católica a partir dos Apologistas da Igreja Antiga, passando pela Cristandade medieval, conhecendo uma interrupção à época da Reforma e depois enveredando pelo Tradicionalismo cristão e/ou laicista (De Bonald, De Maistre, Lammenais, Donoso Cortés, etc.); chegou a um contraponto moderno com a Teologia das Realidades Terrestres de G. Thils, passando pela obra de Maritain, Daniélou. Na América Latina em geral e no Brasil em particular ganhou impulso consistente após a obra de Metz, com a Teologia de G. Gutierrez e de tantos teólogos da libertação.

É particularizando este contexto que se situa a obra do Pe. Hélcion Ribeiro, “Da Periferia um Povo se levanta” (Ed. Paulinas, São Paulo, 1988, 272 pp.), que tem o mérito de realizar uma Teologia da História catarinense, propondo-se a “contar a vida do povo catarinense a partir da reflexão teológica, tendo como chave de leitura a ótica do pobre” (p.11). Segue o método de fazer história da CEHILA.

Narrada em estilo parenético, onde não se oculta a paixão de quem escreve, é difícil dividir a obra em partes pois, como afirma o autor, “os dados ... estão presentes no texto, muitas vezes, de forma repetida. Propositalmente se fez isso a modo de círculos concêntricos que se vão ampliando e aprofundando” (p.14). Uma opção válida, pois nos coloca continuamente ao som do mesmo “leitmotiv”, ao redor do qual vão-se tecendo fatos e reflexões.

---

## quatro leituras do mundo barriga-verde: a sócio-econômica, a histórico — antropológica, a eclesiástica e a libertadora.

---

O livro se divide em oito partes que lêem e analisam a realidade (1a.), o Catolicismo (2a.), o homem (3a.), cinco situações sócio-antropológicas (4a.), a História da Igreja (5a.), a Igreja popular (6a.), a Cristologia (7a.), a implantação do Mistério de Deus, como prospectiva (8a.). Sintetizando as oito partes teríamos, no conjunto da obra, quatro leituras do mundo barriga-verde: a sócio-econômica, a histórico-antropológica, a eclesiástica e a libertadora.

### 1. Uma leitura sócio-econômica

O autor procura demonstrar que SC não é o paraíso anunciado e propagado, mas o ventre ilusionista onde se escondem sofrimento e miséria. A opção metodológica é a leitura da situação a partir do homem que sofre, pois os felizes já têm seus anúncios garantidos e reprisados. Esta leitura tem o mérito de chamar a atenção sobre o

que a maioria dos bem situados não vê: o surgimento e multiplicação dos bolsões de pobreza, especialmente impulsionados pelo êxodo rural criado pela crise da pequena agricultura e pela falta de terra.

Para analisar a economia catarinense o autor se serve da teoria da “divisão internacional-geográfica do trabalho”, desenvolvida pela CEPAL, CEBRAP e adotada pela CEHILA. Mesmo já tendo tido muita utilidade e utilização, esta teoria vai perdendo fôlego, pois novas teorias mostram que a realidade é muito mais complexa e variada, não podendo tudo ser enquadrado pela mesma câmera. Em todo caso, não cabe à realidade catarinense, como tentou artificialmente o autor ao afirmar um suposto “ilhamento programado” (pp.24-27). O motivo pelo qual o eixo Brusque-Blumenau-Joinville produz manufaturas, o Oeste agricultura, o Sul carvão, Lages madeira e pecuária, encontra resposta mais lógica na fisiografia do que na ideologia.

---

## atenção especial sobre os esquecidos da terra: o índio, o negro, o caboclo

---

### 2. Uma leitura histórico-antropológica

A História se faz com o homem que nem sempre pode construir a sua História. Partindo do quadro histórico do homem que chega a SC (portugueses, açorianos, imigrantes), Pe. Hélcion chama atenção especial sobre os esquecidos da terra: o índio, o negro, o caboclo (pp.98-109), na análise extremamente apaixonada de quem os “sente” como construtores marginalizados mas fundamentais da História. Lugar de destaque recebe a mulher, heroína eficaz, mas silenciosa e anônima (pp.79-83 e 115-126). Oferece interpretação interessante da Guerra do Contestado (pp.83-91), ultimamente objeto de tantas monografias, retirando-a do contexto policial-militar e situando-a no horizonte social. Quem sabe, poder-se-ia aprofundar mais o tema, pois lá acontece também um fenômeno que historicamente caracteriza movimentos conservadores: o fascínio por aparições e milagres. Aparições e milagres se multiplicam no bojo de reações conservadoras. Como este fenômeno pode ser analisado no Contestado?

Como “aqui já tem gente”, o Pe. Ribeiro é francamente hostil ao imigrante europeu e gaúcho que aqui se situa a partir do séc. XIX. Acho que podem ser feitos julgamentos injustos neste campo, pois o imigrante — desde sempre — é um despossuído em busca da vida. Naturalmente que a História deve assumir as culpas do sofrimento infringido aos índios, caboclos (no Oeste não foram expulsos centenas de milhares de caboclos, posseiros e índios (p.139), pois sua população já um pouco além dos 50 mil...).

### 3. Uma leitura eclesiástica

(p.p. 68 e 128-148)

Uma frase solta e escondida pode ser a chave desta

leitura: "Pensar na evangelização feita pelo clero é quase ironia, por mais dura que seja a verdade" (p. 79). Salvam-se alguns Bispos, freqüentemente citados... Se realmente assim é, a Igreja catarinense perdeu o fio da meada e tem de começar tudo de novo, pois é constitutivo da missão presbiteral ser evangelizador. Temos a impressão, felizmente, que Pe. Hélcion, por uma opção metodológica, queira realçar a Igreja construída pelo povo, mas termina por marginalizar o trinômio "padres, freiras e classe média", a seu ver mantenedores de uma Igreja não radical, conservadora. É uma pena que esta erva daninha conceitual esteja continuamente presente numa obra tão importante como leitura teológica. Quase consegue envenenar o positivo tão vasto expresso na obra. Toda análise histórica requer objetividade, podendo privilegiar situações, mas não camuflar ou distorcer fatos.

Pelos pressupostos que encerra, a meu ver constitui-se na parte mais frágil do livro.

O autor, num momento anterior, salienta três períodos de renovação ímpar: 1º — Dom João Becker (1908-1912); 2º — Criação do Regional Sul IV da CNBB; (1970-1975) 3º — hoje.

---

## Dom João Becker colheu e multiplicou os frutos

---

O 1º período tem sentido, mas com outro Bispo, Dom José de Camargo Barros (1894-1902), primeiro Bispo de Curitiba, pelo desafio que enfrentou para situar nossa Igreja na realidade pós-imperial: como viver a liberdade e o despojamento que lhe impôs a República? Buscou caminhos: Missões, Visitas Pastorais, Escolas Paroquiais, renovação sacerdotal e institucional, amparo aos imigrantes, etc. Dom João Becker colheu e multiplicou os frutos, incluindo a multiplicação de Paróquias, estas, a meu ver, critério frágil para se avaliar uma renovação. São critério forte, isso sim, para análise da penetração institucional.

O 2º período seria melhor caracterizado pelas décadas de 50-60, interrompido pelo Golpe de 1964. É a fase mais viva da Ação Católica, do Mundo Melhor, da JAC, JOC, JUC. Período riquíssimo de criatividade pastoral: padres e leigos empenhados no meio rural, universitário, operário; se intensificam os Círculos Bíblicos, as associações. É a fase coroada pelo Concílio do Vaticano II. A repressão militar ameaça, prende, processa, difama. Uma fase heróica, não compreendida pela Instituição, aterrorizada pelo "perigo comunista". Um Bispo catarinense, em O LUZEIRO MARIANO afirma que "a doutrina social da revolução (de Castelo Branco) coincide com a Doutrina Social da Igreja". Os tempos não estavam maduros para tanta novidade. Medellín, entre nós, acolheu posições anteriormente defendidas até com mais coragem.

A criação do Regional Sul IV da CNBB (1970) foi o momento institucional, ainda não criador, que acolheu e multiplicou o que já estava semeado.

O 3º período, o hoje em que vivemos, é realmente "novo", vivendo ainda um parto doloroso na opção pelos pobres, nas novas escolhas pastorais. Para avaliá-lo, fica reservado o futuro.

O cap. Vº é uma tentativa de periodização da História do Povo de Deus em SC, assim sintetizada: 1º) A Igreja

do Povo (da Colônia até meados do séc. XIX); 2º) A Romanização (1850-1970); 3º) A Busca de Identidade (tempos atuais). Em outras palavras: uma Igreja leiga, uma Igreja clerical, uma Igreja popular. Os grandes quadros sintetizadores correm o risco das generalizações e simplificações, mas oferecem indicações que no conjunto são verdadeiras; contudo, simultaneamente as três situações se repetem, interpenetram, conflituam, geram o novo.

---

## recolocar os termos da assim chamada "romanização"

---

Uma nova corrente historiográfica procura recolocar os termos da assim chamada "romanização", muitas vezes entendida superficialmente como dominação cultural sobre o povo e centralismo romano. É um processo muito mais vasto e abrangente, talvez já trazido para o Brasil nos albores de sua História, pois os Jesuítas que aqui chegaram já implantavam uma Igreja tridentina.

Em todos os casos, em toda a América Latina, no séc. XIX, a assim chamada "romanização" foi o caminho encontrado pelas novas Igrejas para superarem o anestesiamento provocado pelos padroados e regalismos gerais. A ação de Pio IX não encontrou aqui Igrejas florescentes, mas Igrejas sem ímpeto missionário, sem organização eficaz, em geral sofrendo ao sabor dos interesses de Estados que as viam ao sabor dos interesses governamentais.

Neste período Pe. Hélcion acentua os conflitos entre sacerdotes alemães e italianos e parcela do povo. Cumpre, porém, ter presente que estes sacerdotes vieram de Países onde imperava o Liberalismo laicista, especialmente na Alemanha, onde a Kulturkampf de Bismarck tanto sofrimento causara à Igreja. Foram sacerdotes formados na luta pela sobrevivência eclesial, e aqui chegados, perceberam, *mutatis mutandis*, onde e como atuar. Boa parte dos conflitos proveio de intrigas insufladas pela maçonaria e política coronelista. Não cremos que a reação do povo, à época, tenha sido superior à atual, no conflito pastoral entre Igreja tradicional x Igreja popular.

Em síntese, a romanização é um dado histórico: falta situá-la em nosso preciso contexto histórico, para compreendê-la e avaliá-la.

Neste período pode-se situar a vida religiosa feminina, aqui tão viva e criativa. Talvez seja infeliz a frase "estas moças que quiseram mas não puderam ser radicais" (pp. 123-124) pois não condiz, no geral, com o trabalho de tantas Congregações em solo catarinense, trabalho condicionado, mas heróico e criativo. As Escolas, os Hospitais, os Centros catequéticos foram o campo de trabalho. Mais não puderam fazer, à época, pois foi o Vaticano II praticamente quem liberou a vida religiosa feminina para a Pastoral.

---

## a contribuição do imigrante e seus padres para a vida eclesial.

---

Também neste contexto histórico precisar-se-ia pontualizar melhor a contribuição do imigrante e seus padres para a vida eclesial. Foi muito mais popular do que se imagina. Suas capelas, escolas, associações criaram ambiente favorável às futuras Comunidades Eclesiais. Não é por pura coincidência que a Pastoral mais engajada acontece no Oeste catarinense, região formada por recente fluxo migratório. Heróico e profético o trabalho de dois sacerdotes alemães, os Pe. Roer e Schwirling, o primeiro levando colonos das difíceis regiões de Teresópolis para o Braço do Norte e o segundo, do Alto Capivari para Ituporanga, Vidal Ramos. Fundaram comunidades. No Oeste parece ter acontecido fato semelhante.

(É bom lembrar que a Diocese de Lages (p.137) não ia até a Argentina. A área dos então municípios de Chapecó, Dionísio Cerqueira, Itapiranga, Mondai, Palmitos, São Carlos, São Miguel d'Oeste, Xanxerê, Xaxim, foi incluída na Prelazia de Palmas (9-12-33) até a criação da Diocese de Chapecó em 1958).

---

## o autor se mostra um teólogo seguro e original.

---

### 4. Uma Leitura libertadora

É a parte maior e melhor do livro (pp.151-263), onde o autor se mostra um teólogo seguro e original. Fatos e reflexões se entremeiam e evoluem oferecendo pistas para uma reflexão libertadora.

O autor não se limita aos refrões opressor-oprimido, pobre-burguês. Oferece uma consistente Eclesiologia, Cristologia e Teologia trinitária. Ai está a originalidade e síntese. Perpassa as novas pastorais (CIMI, CPT, CPO, etc), nelas mostrando um modo original de fazer pastoral e ser Igreja. Salienta a grande difusão dos Grupos de Reflexão como preparação às CEBs. Revela otimismo em cada linha, cada exemplo. Otimismo talvez excessivo, pois ilhas somadas não formam um continente.

### Conclusão

Lê-se a obra do Pe. Hélcion com paixão, como foi escrita. Talvez por isso mesmo ela suscite paixão em quem lê. E oposição, o que é perfeitamente normal.

É uma experiência valiosa, de grande auxílio para quem quer refletir no trabalho.

Alguns pontos não ficaram bem claros: 1º) qual o papel do presbítero na Igreja popular? Por mais que insista na Igreja-povo o autor não consegue se libertar de um certo fascínio por alguns Bispos que teriam o poder de governar, deixando a impressão que o importante é não contar com padres. O que seria, então, ação pastoral? 2º) na grande realidade da Igreja-povo-de-Deus não se deveria excluir a possibilidade dos Movimentos. Um bosque se forma com muitas árvores, não com um tronco isolado. Nem todos podem ser cógidos a trilhar o mesmo caminho. Às vezes

o livro dá a impressão de que os Movimentos apenas alimentem o individualismo, a apatia, o intimismo religioso (pp.231-324), não se possibilitando alternativas pastorais e de vida cristã às classes média e urbana. O tema mereceria um aprofundamento menos apaixonado. 3º) Não ficou bem clara a Sacramentologia: o que os Sacramentos têm a ver com a vida Cristã? Se levarmos a sério a voz do povo pobre, perceberemos o quanto prezam alimentar sua fé através da vida sacramental. Não percebi com clareza como a pastoral especializada deveria ter isso em conta.

Apesar de sentir a limitação de certas posições e não concordar com elas, não por oposição de trabalho mas como respeito à realidade histórica, vejo "Da Periferia um povo se levanta" como uma voz a dizer para o Brasil que nosso Estado, espremido entre RS e PR tem muito a dizer aos que refletem sobre a pastoral. Experiências originais e frutuosas são gestadas aqui.

E só se pode desejar que o otimismo por uma Igreja mais enraizada no povo seja cada vez mais realidade e verdade.

---

Endereço do autor:  
Casa Paroquial do Saco dos Limões  
Rua José da Mota Espesim s/n  
88045 — Florianópolis, SC

---

## NOVO LIVRO "BÍBLIA — DEUS CONOSCO"

Ed. Vozes, RJ, 1989, em coed. com a diocese de Joinville, SC, 311 pp.

Registramos com alegria, em nossa revista, o lançamento desta nova "Introdução à Bíblia" para nossos agentes de Pastoral. Volumosa, ampla, citamos da contra-capá, que reproduz trechos da "Apresentação" assinada por D. Gregório Warmeling, bispo de Joinville: "Não é um livro de receitas prontas. Mas ajudará muito no aprofundamento das reflexões... Também não traz novidades. Trata-se de compilação de textos já existentes, produzidos por exegetas e biblistas. Busca ser uma síntese..."

Numa próxima edição valeria a pena um capítulo sobre o Gênesis, especialmente Gn 1-11, que mereceu apenas uma página (p.69) na edição atual. E um pouco mais de exatidão em certas informações, mesmo — ou justamente — porque não destinadas a especialistas. Cito, p.ex., na primeira página do texto (p.11): "O AT foi escrito uns 300 a 500 anos depois que os fatos...": afirmação que não deveria ser feita assim, sem mais. Idem, na p.12: "Os primeiros livros só aparecem pelo ano 400 aC..." No parágrafo 1.2.2. há confusão entre rito de Aliança e circuncisão. No parágrafo 2.5 (p.13) se diz, sem mais, que o total dos livros da Bíblia é de 74, sendo 47 os do AT, quando é mais óbvio falar em 73, sendo 46 os do AT...

Mas, repito, o lançamento do livro como tal é uma contribuição preciosa da diocese de Joinville, não só para nosso Estado como também para o país, tanto assim que a prestigiosa Editora VOZES coedita o lançamento.

N.B.P.